

# ENRIQUE DUSSEL: COMEÇAR FILOSOFIA FAZENDO HISTÓRIA

Enrique Dussel: start philosophy by making history

Benedito Eliseu Leite Cintra<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Professor titular da Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo

CINTRA, Benedito Eliseu Leite Cintra. *Enrique Dussel: começar filosofia fazendo história*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82, 2009.

## RESUMO

Desde o início de seus estudos e de seus escritos, a pesquisa histórica marca a origem e o estilo de filosofar de Enrique Dussel. Na verdade, seu projeto de Filosofia da Libertação na América Latina parte da realidade desse continente tal como foi se formando por muitos séculos. Enrique Dussel aponta métodos de pensar e agir para superação modificadora de estruturas que se implantaram no continente desde a presença invasora do colonizador europeu. O estudo da formação histórica e da atual situação da América Latina, nos seus mais variados aspectos - do econômico ao cultural - anima e orienta o pensador em sua reflexão por uma Ética da Libertação.

**Palavras-Chave:** História. Filosofia. América Latina. Libertação. Ética

Recebido em:20/05/2009  
Aceito em:15/07/2009

## ABSTRACT

The historical research signs the origin and the style of Enrique Dussel's philosophizing, since the beginning of his studies and his writings. In fact, his project of Philosophy of Liberation in the Latin America starts from the reality of this Continent; exactly it was being formed through many centuries. Enrique Dussel points out methods of thinking and acting for the modifying surpassing of the structures, which has been established in the continent since the colonizing presence of the European colonizer. The study of the historical developing of the Latin America's present situation, on its various aspects, from the economical to the cultural, stimulates and guides the thinker on his reflection about an Ethics of the Liberation.

**Keyword:** History. Philosophy. Latin America. Liberation. Ethics

Entendo “fazendo história” como obra do historiador Enrique Dussel. O historiador guia o filósofo. Parte dos fatos e não das ideias, indo “às coisas mesmas”, como diria Edmund Husserl. Encontro isso já nas “Palavras preliminares” de *Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão*<sup>2</sup>:

Terminou a Guerra Fria, desapareceu a geopolítica da bipolaridade e, ao mesmo tempo, instaurou-se a indiscutida hegemonia militar norte-americana, ocorreu igualmente a globalização de sua economia, cultura e política externa... no meio do terror de uma espantosa miséria que aniquila a maioria da humanidade no final do século XX, junto com a incontível e destrutiva contaminação ecológica do Planeta Terra (p. 15).

Em *Filosofia da Libertação na América Latina*<sup>3</sup> começa com “1. História” e explica:

Sirva esta curta introdução como mero exemplo de um momento da filosofia da libertação, que sempre deveria começar por apresentar a gênese histórico-ideológica do que pretende pensar, dando preponderância à sua impostação espacial, mundial (p. 8).

Segue a primeira subdivisão “1.1. Geopolítica e Filosofia”, com a seguinte consideração:

2 Petrópolis: Vozes, 2000.

3 São Paulo, Piracicaba: Loyola, UNIMEP. s.d.

CINTRA, Benedito Eli-seu Leite Cintra. *Enrique Dussel: começar filosofia fazendo história*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82, 2009.

CINTRA, Benedito Eli-  
seu Leite Cintra. *Enrique  
Dussel: começar filosofia  
fazendo história*. Mimesis,  
Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82,  
2009.

[1.1.1. *Sentido da questão* – 1.1.1.1.] Desde Heráclito até von Clausewitz ou Kissinger, “a guerra é a origem de tudo”, se por tudo se entende a ordem ou o sistema que o dominador do mundo controla pelo poder e pelos exércitos. Estamos em guerra. Guerra fria para os que a fazem; guerra quente para os que as sofrem. Coexistência pacífica para os que fabricam armas; existência sangrenta para aqueles que são obrigados a comprá-las e usá-las. O espaço como campo de batalha, como geografia estudada para vencer estratégica ou taticamente o inimigo, como âmbito limitado por fronteiras, é algo muito diferente da abstrata idealização do espaço vazio da física de Newton, ou do espaço existencial da fenomenologia. Tais espaços são ingênuos, irrealis, não conflitivos (p. 8).

O terceiro volume “III Erótica e Pedagógica” de *Para uma Ética da Libertação Latino-Americana*<sup>4</sup> é com o quarto e quinto volumes aquilo que no “Plano Completo da Obra” é sua “Terceira parte” (Cap. VII – *A erótica*, Cap. VIII – *A Pedagógica*, Cap. IX – *A política*, Cap. X – *A arqueológica*)<sup>5</sup>. Pois bem, o terceiro volume “III Erótica e Pedagógica” é precedido por “Introdução à Terceira Parte: a Histórica Latino-Americana”, páginas 33-54. Ora, o estudioso de Enrique Dussel não pode negar que, por fim, “História mundial das eticidades” de *Ética da Libertação* tem intenção antiga inspirada por estas páginas.

Escreve logo de início:

Quisemos introduzir a *Terceira parte* descortinando um horizonte de compreensão que nos permita situar-nos em nosso continente sócio-cultural. Quando dizemos que somos “latino-americanos”, desde o Texas (com os “Chicanos”) ou Porto Rico até à Patagônia ou as ilhas Malvinas e a calota polar chileno-argentina, desde as ilhas Páscoa ou Galápagos no Pacífico pelo Oriente até o Nordeste brasileiro ao Ocidente, pronunciamos algo muito obviamente admitido, mas nunca de todo pensado. O que significa na realidade *ser-latino-americano*? O que é que me define e me distingue de todo outro grupo humano?

A pergunta é filosófica, propriamente ontológica – *o que ser* -, contudo *o que ser-latino-americano*. Ora, tal especificação se dá em perspectiva concreta de *espaço*, com as coordenadas geográficas que descreve. Mas também históricas de modo geral: “um horizonte de compreensão que nos permita situar-nos em nosso continente sócio-cultural”, o qual não se mostrou no tempo pelo mesmo modo em que mostraram outros continentes. É começar filosofia fazendo história (e geografia). E por onde caminha “a Histórica Latino-Americana” de Enrique Dussel? Indico as subdivisões de seu texto:

4 São Paulo, Piracicaba: Loyola, UNIMEP. s.d.

5 Cf. “I - Acesso ao ponto de partida da Ética”, p. 13.

§ 40. Para uma pré- e proto-história latino-americana.

§ 41. Para uma história latino-americana.

a. A dependência colonial mercantil.

b. A dependência neocolonial liberal, industrial.

c. Crise da dependência e libertação latino-americana.

Conhecemos no Brasil o livro de Roque Zimmermann *América Latina o Não-Ser*: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976) <sup>6</sup>. Enrique Dussel escreveu prefácio para este livro. É evidente como aponta o ponto de partida histórico de sua Filosofia da Libertação:

Na América Latina, um continente hoje mais dominado que nunca, onde a filosofia foi um exercício quase exclusivamente universitário e distante do “fórum” no qual se jogam os destinos dos povos e os sofrimentos dos explorados, falar de uma “filosofia da libertação” continua sendo pouco frequente e nem mesmo isento de um certo perigo. Desde sua origem, no final da década de 60 e início de 70, a filosofia da libertação, antes seguramente, e hoje, mais do que nunca, trata de pensar a *realidade* de todo nosso continente político-cultural, econômico-social, partindo de sua própria história e exigências (p. 13).

E mais à frente no mesmo prefácio refere-se ao autor do livro com estas palavras:

Penso que Roque deu certa importância à minha visão histórica mundial, coisa até agora ainda não mencionada por ninguém dos que se internaram em meu pensamento. Tenho consciência de que a “centralidade” do Pacífico antes da chegada dos europeus à América tem sua importância, porque nos situa de maneira nova em tal história mundial (p. 15).

Nesse sentido, vale por si o título *História e Libertação* da coletânea de estudos organizada por Armando Lampe em “homenagem aos 60 anos de Enrique Dussel” <sup>7</sup>. Não é possível nem necessário indicar quem vem antes na pesquisa e reflexão deste nosso grande sábio latino-americano: o filósofo, o historiador, o teólogo. Por certo, *Hipótesis para una Historia de la Iglesia en América Latina*, da década 60 do século passado, é um sinal na vida e no pensamento de Enrique Dussel <sup>8</sup>. Penso ser o historiador quem alimenta e movimenta seus estudos. E se penso no cristão, o semita privilegia a história,

---

6 Petrópolis: Vozes, 1987.

7 Petrópolis: Vozes, 1996.

8 *História de la Iglesia en América Latina*. Barcelona: Nova Terra, 1964.

CINTRA, Benedito Eli-seu Leite Cintra. *Enrique Dussel: começar filosofia fazendo história*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82, 2009.

CINTRA, Benedito Eli-  
seu Leite Cintra. *Enrique  
Dussel: começar filosofia  
fazendo história*. Mimesis,  
Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82,  
2009.

“história do povo de Deus”, história da humanidade! Então não poderia ser diferente a epígrafe: “Vi un cielo nuevo e una nueva tierra... (Apoc., 21,1)”. O porquê e o para quê de seu trabalho.

“Horizonte histórico” é termo reincidente em *Ética da Libertação*. A “Seção 2” da “Introdução”: “O ‘sistema-mundo’: Europa como ‘centro’ e sua ‘periferia’. Além do eurocentrismo”, começa com estas palavras:

Nesta seção, a partir do horizonte já exposto [“Seção 1: As altas culturas e o sistema inter-regional. Além do helenocentrismo”], devemos estudar a questão da modernidade (p. 51).

Passo para o início do § 0.5. Desdobramento do “sistema mundo”. A partir da Espanha “moderna” do século XVI.

Consideremos o desenrolar da história mundial a partir da ruptura, pela presença turco-otomana, do estágio III do sistema inter-regional, que, em sua época clássica, tivera Bagdá como centro (de 762 a 1258, como vimos), e a transformação do “sistema inter-regional” no primeiro “sistema-mundo”, cujo centro “se situará até hoje no Atlântico Norte”. Essa mudança de “centro” tem sua pré-história desde o século XIII até ao XV e causará a derrocada do estágio III do sistema inter-regional. Trata-se do novo estágio IV, ou o “sistema-mundo”, que se *originará* propriamente a partir de 1492. Tudo o que aconteceu antes na Europa era ainda um momento de *outro* estágio do sistema inter-regional. Quem deu origem ao desdobramento do “sistema-mundo”? Nossa resposta é: quem pudesse anexar a si a Ameríndia e, a partir dela, como trampolim ou “vantagem comparativa”, ir acumulando uma superioridade inexistente no final do século XV (p. 53).

É difícil encontrar um texto de Filosofia, propriamente de Ética, que inicie a discussão com tantas categorias ou termos para referências geográficas e históricas. Reencontramos o que vimos atrás de “Geopolítica e Filosofia”.

Os escolásticos medievais, com seu método, antes de qualquer “tese” - proposição a ser exposta e defendida – estabeleciam o que era chamado de *status quaestionis*, “estado da questão”, no qual mostravam de que forma o assunto a ser estudado seguia-se de modo lógico desde as questões já estudadas. A intenção era dar prosseguimento filosófico a um sistema de idéias que, por isso mesmo, pudesse ser admitido.

A “Introdução: História mundial das eticidades” em *Ética da Libertação* é um modo diferente de indicar um “estado da questão”, quer dizer, da questão ética como “filosofia primeira” - certamente herança de Emmanuel Lévinas em Enrique Dussel -. Seus diversos pa-

rágrafos não pretendem mostrar como o último momento da história mundial das eticidades segue-se logicamente dos primeiros que foram mostrados. A sequência não é lógica, mas propriamente histórica, no jogo dos mais variados fatos ou acontecimentos de caráter econômico, social, político, cultural, etc., ou também simplesmente de caráter natural, quer dizer, conforme a física do planeta Terra acarretava “fenômenos” de toda sorte. Estamos fora de qualquer idealismo! Nesse sentido, mais vale Marx com seu materialismo-histórico-dialético.

É verdade que o restante do texto de *Ética da Libertação* é uma cerrada discussão teórica. Todavia, ela também se faz no acompanhamento das opiniões de muitos pensadores da ética. Por certo estas opiniões são igualmente acontecimentos históricos, ligados a indivíduos com nomes. Tal como no Capítulo 5 o § 5.1: “Meu nome é Rigoberta Menchú e assim ‘nasceu em mim a consciência’”. É admirável, nada mais histórico do que o biográfico. Todos somos convidados a repetir de modo assemelhado: “Meu nome é Fulano de Tal e assim ‘nasceu em mim a consciência’”. Sempre requieiro de meus orientandos dizer por que escolhem um ou outro tema de estudo.

Enrique Dussel “começa filosofia fazendo história”. E não só filosofia, mas também teologia, ou qualquer outro ramo do saber que abraça, por exemplo, pedagogia e política.

Porém, tal como escreve em *Método para uma filosofia da libertação*<sup>9</sup>,

A juventude está assumindo certas opções ideológicas que lhes são impossíveis de serem justificadas em seu fundamento... Faz-se necessário reformular conceitual e latino-americanamente certa visão pensada da totalidade fluente que nos rodeia (p. 15),

Enrique Dussel sempre esteve imerso em *práxis* histórica. “Quem sabe faz a hora não espera acontecer” (Geraldo Vandré). Como historiógrafo não esperou acontecer! Soube “fazer”, por caminhos de “mais de 50 anos de militância”. Então, “para o pensador-militante, os anos maduros são um tempo de profunda alegria, já que longa experiência e as muitas leituras vão dando um panorama da existência humana que **difícilmente se pôde** alcançar na juventude, por mais que o entusiasmo fosse imenso” (“Queridos amigos”<sup>10</sup>).

9 São Paulo, Loyola, 1982.

10 Mensagem do próprio Enrique Dussel para o Iº Encontro Regional de Estudos sobre a “Filosofia da Libertação” de Enrique Dussel. Pontifícia Universidade

CINTRA, Benedito Eli-seu Leite Cintra. *Enrique Dussel: começar filosofia fazendo história*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82, 2009.

CINTRA, Benedito Eli-  
seu Leite Cintra. *Enrique  
Dussel: começar filosofia  
fazendo história*. Mimesis,  
Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82,  
2009.

Gostaria de fazer comparação com Paulo Freire. *Educação como prática de liberdade*<sup>11</sup> é obra principal e como que originária de seu pensamento e ação. Ora, nos dois primeiros capítulos da obra, “1 – A sociedade brasileira em transição” e “2 – Sociedade fechada e inexperiência democrática”, nosso educador faz análise histórica pertinente à dominação presente na formação do Brasil. Não vamos discutir os critérios teóricos de suas considerações. De qualquer modo, estudando o livro com alunos nesta Universidade, alguns deles julgaram ser Paulo Freire *pessimista* quanto à história de nosso país. Não teria havido somente coisas ruins. Caso contrário, o Brasil não seria a grande nação que é hoje, com imensas riquezas de civilização e cultura. A análise freiriana seria do tipo marxista, com muita parcialidade. No Brasil, até hoje, “há muito joio, mas também muito trigo”, a metáfora empregada.

Não foi fácil explicar as coisas. Disse que, por ser parcial do ponto de vista do dominado-colonizado, não deixa de ser verdadeira. Disse que há muita ambiguidade na existência humana. Diziam que muitos “oprimidos” – as aspas foram usadas – são também felizes e produtores criativos de muita cultura genuína. O que, aliás, Paulo Freire não teria deixado de indicar.

Em síntese, tal como proponho para Dussel: “começar filosofia fazendo história”, para Paulo Freire seria: “começar pedagogia fazendo história”.

Paulo Freire disse:

Indiscutivelmente, eu fui, na minha juventude, ao camponês e ao operário da minha cidade, movido pela minha opção cristã. Que eu não renego. Chegando lá, a dramaticidade existencial dos homens e mulheres com que eu comecei a dialogar me remeteu a Marx. É como se os camponeses e os operários me tivessem dito: “Olha, Paulo, vem cá, você conhece Marx?” Eu fui a Marx por isso [...] quanto mais eu me encontrei com Marx, direta ou indiretamente, tanto mais eu entendi os evangelhos que eu lia antes com uma diferente interpretação [...] Eu não vejo nenhuma contradição à minha opção cristã pretender uma sociedade que não se funda na exploração de uma classe por outra<sup>12</sup>.

Um parco conhecimento que seja da cultura semita, desabrochada na mensagem do profeta Jesus de Nazaré, sobe da história

---

Católica de São Paulo, 18 de junho de 2004.

11 Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Isso sem esquecer *Educação e atualidade brasileira* (Recife: Universidade Federal do Recife, 1959).

12 “Diálogo: Paulo Freire e prof. Admardo S. de Oliveira”, p. 81.

para uma visão *teológica* da existência humana. O profeta refere-se ao mesmo Deus de “Abraão, de Isaac e de Jacó”. E para o evangelista João, é o Deus “que é, que era e que vem”.

Ora, a importância da história não é menor em Marx para uma visão *antropológica* da existência humana - aprendeu isso de Hegel e de Feuerbach -. Refiro de Florestan Fernandes:

O sociólogo, o historiador, o antropólogo, o cientista político, o psicólogo, *mesmo quando marxistas*, sucumbem à tendência afirmando-se primeiramente em nome de sua especialidade. Marx e Engels trabalharam numa direção oposta, defendendo uma concepção unitária de ciência e representando a história como uma ciência de síntese <sup>13</sup>.

Como dizia Edmund Husserl, “a filosofia não sai pronta da cabeça de Minerva”. Lição igualmente desses dois incomparáveis sábios latino-americanos: Enrique Dussel e Paulo Freire. A filosofia nasce da terra, do solo que pisamos. No nosso caso, solo batido pela miséria e a opressão. Contudo, Martinho da Vila nos convida para a esperança:

Canta, canta minha gente,  
Deixa a tristeza pra lá.  
Canta forte canta alto,  
Que a vida vai melhorar (*ter*).

Foram algumas indicações que ofereço ao debate.

CINTRA, Benedito Eli-  
seu Leite Cintra. *Enrique  
Dussel: começar filosofia  
fazendo história*. Mimesis,  
Bauru, v. 30, n. 1, p. 75-82,  
2009.

---

13 Marx - Engels. História. Florestan Fernandes, org. São Paulo: Ática, 1984, p. 10.